

**Os saraus de poesia - cultura, política e juventude em movimento:  
os “novos” sujeitos da cena político-cultural da cidade de Salvador**

**The poetry soirees – culture, politics and youth in motion: the “new”  
subjects of the political-cultural scene of Salvador City**

Célio José dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo**

O presente artigo tem como objetivo tensionar o debate a respeito das formas de articulação e mobilização política da juventude na capital baiana. Na última década, emergiram na cena cultural da cidade de Salvador inúmeros saraus de poesia, que se espalharam pela cidade, e em sua maioria organizados por jovens negros e negras, os quais enxergaram no sarau uma forma de mobilização e auto-organização política baseada na autogestão, na autonomia, na ajuda mútua e na horizontalidade. Nesse contexto, o sarau assume um papel interessante para a construção de redes de sociabilidade dos jovens na cidade: é o lugar de encontro, de aprender, de fazer, de debater e de construir política. O sarau é o nó da rede das tramas de relações que são tecidas na cena política e cultural soteropolitana; é o lugar onde os jovens estão vivenciando, experienciando e construindo um modo de ser jovem negro/negra na cidade de Salvador.

**Palavras chave:** Juventude; Sarau; Sociabilidade; Movimentos Sociais.

**Abstract**

The present paper aims at tensioning the debate regarding the forms of articulation and political mobilization of the youth of the capital of Bahia. In the last decade, a number of poetry soirees have emerged in the cultural scene of the city of Salvador. Those evening parties have been spreading throughout the city, mostly organized by young black men and women, who saw this sort of event as a form of political mobilization and self-organization based on self-management, autonomy, mutual aid, and horizontality. In this context, soirees have been playing an interesting role in the construction of social networks for young people in the city. This is the meeting place, the place to learn, do, debate, and build politics. The soiree is the knot of the network of the webs of relationships that are woven in the political and cultural scene of Salvador. That is the place where young people have been experiencing and building a way of being a young black man or woman in the city of Salvador.

**Keywords:** Youth; Soiree; Sociability; Social movements.

---

<sup>1</sup> Professor do Instituto Federal Baiano - IFBAIANO, pesquisador na área da Geografia Urbana e ativismos socioculturais da juventude. Membro da Rede de Estudos e Pesquisas sobre Experiências e Ações Juvenis (REAJ).

## **Introdução**

O artigo que se segue é fruto de resultados parciais da nossa pesquisa de doutoramento, a qual aborda as práticas espaciais insurgentes coordenadas pelos coletivos de jovens negros e negras que organizam os saraus de poesia na periferia de Salvador. A referida tese está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia - UFBA, e os resultados parciais aqui apresentados são decorrentes do levantamento bibliográfico e da análise documental que possibilitaram problematizar os conceitos de juventude, sociabilidade e movimentos sociais. A pesquisa de campo consistiu na observação direta do sarau Bairro da Paz Vive e do sarau do Jaca, em entrevistas e conversas com os frequentadores e organizadores dos saraus; o que permitiu que pudéssemos elaborar algumas reflexões teóricas, mesmo que prévias, a partir do diálogo com o campo. Os saraus em questão acontecem na periferia da capital baiana, o sarau Bairro da Paz Vive é organizado pelo coletivo homônimo e realizado na praça do Popular no Bairro da Paz. Já o sarau do Jaca é desenvolvido pelo coletivo Juventude Ativista de Cajazeiras - JACA, situado no bairro de Cajazeiras 5, na rua deputado Herculano Menezes S/N - Indústria do bairro. O sarau existe desde o ano de 2014.

De início, é preciso ressaltar que nosso intuito não é analisar de forma aprofundada a parte artística e literária que acompanha o movimento, como fizeram Gama (2019) e (Oliveira, 2019) em suas dissertações de mestrado, mas sim toda a mobilização feita pela juventude para a organização e participação (seja na condição de artista ou espectador) desses saraus, uma vez que muitos jovens desafiam a cidade, subvertem toda a lógica de circulação e de uso da mesma, para poderem estar presentes nesses eventos. e

Na última década, a capital baiana viu brotar em sua cena cultural inúmeros saraus de poesia, que se espalharam pela cidade, em sua maioria organizados por jovens poetas, os quais enxergaram nessa atividade uma forma de auto-organização e de construção do ser jovem. Esses saraus, objetos das nossas análises, não se restringem apenas ao recital de poesia, comumente conhecido pelo grande público, mas são também rodas culturais que agregam a poesia, a dança, a música, o teatro, as batalhas de rap, o grafite, os slams e entre outras manifestações que emergem da cultura popular. Ou seja, eles foram ressignificados, ganhando novos formatos que buscam dialogar diretamente com as questões culturais do lugar (cidade/bairro).

Nesse sentido, os saraus, aqui mencionados, são formas de organização e mobilização política da juventude negra e periférica. De fato, são eles os “novos” sujeitos sociais da cena político-cultural de Salvador. Entretanto, devemos sempre tensionar essa ideia de “novo”. É novo

para quem? É novo a partir de qual escala temporal? Quem determina o que é e o que não é novo? Será que os sujeitos que são novos na cena ou as teorias e metodologias hegemônicas até então utilizadas é que não permitiam perceber esses sujeitos sociais? Sendo assim, considerando essas reverberações, utilizamos o termo “novo” em destaque porque entendemos que esses sujeitos já vinham militando há algumas décadas na cidade, mas o que desenvolviam não chegou a receber o status de movimento social, pois a forma de organização e de mobilização, além das pautas defendidas, não faziam parte do receituário teórico do que seria um movimento. Estes “novos” sujeitos da esfera pública soteropolitana trouxeram consigo novas narrativas e novas formas de mobilização e de lutas, como poderemos observar no decorrer do artigo.

Vale salientar, então, que determinadas teorias não podem e nem devem ser utilizadas como guarda-chuva para explicar toda e qualquer realidade. Corroboramos com Silva (2012), quando ela diz que a realidade está alicerçada em uma complexidade multidimensional, característica que permite que um mesmo fenômeno seja estudado a partir de diferentes perspectivas epistemológicas e entende que reduzir a análise a um único viés teórico é simplificar a realidade que se apresenta. Lógico que devemos estar cientes de que, ao escolher a forma com a qual compreendemos, representamos e damos sentido ao mundo, estamos, de certa forma, classificando e selecionando, como também, excluindo e tornando invisíveis algumas questões.

Partindo dessas reflexões, o presente texto pretende tensionar o debate em duas frentes: (i) problematizar o sarau como um espaço de mobilização política da juventude negra em Salvador; e (ii) pensar as redes de sociabilidades que são tecidas nos saraus e as insurgências desses jovens na capital baiana. Com o objetivo de contemplar esse debate, dividimos o artigo em 4 seções: na introdução, procuramos apresentar brevemente a pesquisa, bem como trazer à tona algumas advertências e os pontos motivadores que estimularam o desenvolvimento desse trabalho; na seção seguinte, buscamos abordar o sarau como um espaço de produção de autonomia e o seu potencial para catalisar a ação política da juventude; na terceira seção, abordamos uma discussão sobre a cidade, defendendo a ideia de que ser jovem, negro e morador da periferia de Salvador é correr um sério risco de não poder ter o privilégio de gozar a moratória social e nem a moratória vital (MARGULIS e URRESTI, 1996) e (GROPPO, 2015), devido às formas-conteúdo da cidade que é planejada para conter a circulação do corpo negro, resultando nos altos índices de homicídios e encarceramento que assolam a população negra juvenil, como aponta o Atlas da Violência (2019), o Mapa do Encarceramento (2015), entre outros documentos; já na última seção, tentamos estabelecer uma relação entre a mobilização da juventude negra acerca do sarau e os movimentos sociais, uma vez que a atividade em questão proporciona que a juventude esteja sempre em

movimento, lutando para sobreviver na cidade.

### **O sarau como espaço da produção da autonomia da juventude**

Para entender um pouco a dinâmica dos saraus na cidade de Salvador, é importante construir uma tentativa de análise do seu processo histórico e da participação da juventude negra na apropriação dessa cultura. Vale ressaltar, porém, que o termo apropriação é aqui entendido a partir do sentido lefebvriano, que consiste na insurreição do uso, isto é, na passagem da condição de consumidores para criadores da própria cultura (LEFEBVRE, 2006).

Consideramos salutar a tentativa de historicizar o fenômeno dos saraus, contudo, fazemos algumas ressalvas, pois todas as vezes que se pretende descrever um fato histórico, comete-se o equívoco de pensar os processos a partir de uma lógica que obedece a hierarquia urbana e social. Historiciza-se os fenômenos sempre do centro para as periferias, colaborando de certa forma para colocar à margem alguns sujeitos sociais. Porém, procurando não incorrer nesse erro, preferimos contar a história a partir das pessoas que participam e contribuem de alguma maneira na construção e manutenção do sarau no ambiente cultural de Salvador. Sendo assim, segundo Valdeck Almeida<sup>2</sup>, nos últimos anos, houve uma explosão no número de saraus de Salvador, com um visível crescimento em direção a parte norte da cidade, a periferia, principalmente durante a última década. O próprio Valdeck faz questão de frisar que o sarau em Salvador não é algo recente, pois o ato de declamar poesia em espaços públicos vem desde a década de 1980 com os Poetas da Praça: “foi um dos maiores, senão o maior movimento popular literário de resistência à Ditadura Militar, cujos participantes se apresentavam na Praça da Piedade para protestar e denunciar os desmandos através de poemas e performances.”

Sobre essa disseminação de saraus pelos bairros periféricos de Salvador, alguns poetas e pesquisadores do tema defendem que a periferização da atividade foi desencadeada a partir do Sarau Bem Black<sup>3</sup> e do Sarau da Onça<sup>4</sup>, Oliveira (2019) faz uma leitura bastante interessante a respeito da importância desses saraus.

O Sarau Bem Black vai ser a principal referência na construção dos saraus periféricos soteropolitanos, do descentramento da arte da palavra, uma

---

2 Jornalista, escritor, poeta e ativista cultural de Salvador. Figura carimbada dos saraus que acontecem na cidade, fundador do prêmio literário de poesia, interlocutor e colaborador para o desenvolvimento da nossa pesquisa.

3 Sarau que foi realizado no Pelourinho - Centro Histórico de Salvador, idealizado por Nelson Maca, professor, poeta e agitador cultural, que se inspirou no sarau produzido pela Coperifa em São Paulo.

4 Sarau realizado no Bairro de Sussuarana - periferia de Salvador, desde 2011, teve forte inspiração do sarau Bem Black e hoje é uma das principais referências para os saraus que surgem no terreno fértil da periferia.

verdadeira ação desterritorializante ligada aos sentimentos de coletividade, de solidariedade e afetividade. O evento vai despertar a potência poética que esteve adormecida na periferia, instigar o surgimento de saraus não somente em Salvador como fora dela (OLIVEIRA, 2019, p. 42).

Vale destacar que são dois saraus cuja a dimensão racial assume a centralidade na pauta dos debates e nas poesias, proporcionando uma forte atração da juventude negra, que se identificava não só com os poemas declamados, mas com as pessoas que ali estavam servindo de fonte de inspiração e referência para que os jovens pudessem organizar os saraus em seus próprios bairros, como por exemplo o sarau Bairro da Paz Vive, **imagem 1**. Os nossos interlocutores apontam que o tanto o Sarau da Onça como o Bem Black foram um divisor de águas em suas vidas como poetas, seja no ato de incentivá-los a escrever suas próprias poesias ou de ressignificar o que já vinham escrevendo.



**Imagem 1:** Sarau Bairro do Paz Vive  
**Fonte:** Acervo do autor

Mas o que tem de diferente nos saraus que se difundiram pela cidade, principalmente pela periferia? Podemos dizer que essa apropriação ocorreu de várias formas: pela ação espacial, que consistiu em levar os saraus para os bairros periféricos de Salvador, formando novas centralidades culturais; pela transformação no conteúdo das poesias, que agora passa a materializar com mais intensidade em versos a experiência e vivência do povo negro, dando voz a juventude; e pela emergência da juventude negra como “novos” sujeitos da cena política-cultural de Salvador, que estão aprendendo a se organizar a partir de outras lógicas, de novas formas de mobilização e

organização política, diferentemente de outros movimentos sociais que já estão a mais tempo na esfera pública de Salvador. Para Vinícius Araújo<sup>5</sup>, membro do Coletivo Bairro da Paz Vive, a poesia o colocou em movimento, possibilitou que ele pudesse refletir contra as formas de opressão sofrida pela juventude da periferia;

“Olha cara, posso dizer que a poesia me fez movimentar, me obrigou a estudar para compreender melhor a minha situação, a situação da minha família, a situação do meu bairro, e por isso faço questão de colocar em minha escrita a desigualdade social, o contraste social, o racismo, é uma forma de denunciar, sabe?”

A ação de organizar o sarau faz com que os jovens *se organizem para organizar*. É necessário que se mobilizem e formem coletivos, que, inicialmente, têm como objetivo a coordenação e produção dos saraus. Após um tempo, já estão aproveitando as reuniões para o desenvolvimento da atividade também com o propósito de discutir problemas do bairro, da cidade, da conjuntura política do país, bem como se articulam com outros coletivos e ampliam a rede de sociabilidade. O interessante é que essas interações sociais, políticas e culturais vão reverberando no sarau, nas poesias, na estética e no próprio corpo (como podemos observar na imagem abaixo). É um transformar transformando-se, como diz Raul Zíbechi (2004, 2015). Segundo o mesmo (2004), a juventude do século XXI tende a participar de formas de organização cada vez mais informal, menos disciplinadas pelas estruturas hierárquicas, ou seja, se organizam através de estruturas mais horizontais, que tenham como característica um funcionamento mais flexível, mais frouxo, porém com laços de amizade e solidariedade mais intensos e com forte implicação emocional.

A dinâmica interna dos saraus, Bairro da Paz Vive e do Jaca, é semelhante, o evento acontece um sábado no mês, a escolha do dia é decidida pelo coletivo de acordo com a disponibilidade dos integrantes, com base em nossas observações, podemos dizer que é o sarau é construído em três etapas - **o antes, o durante e o depois**.

**O antes** inicia no momento em que a data do sarau é definida pelo coletivo, sendo que a divulgação deve se dar de preferência com o mínimo de uma semana de antecedência. Logo depois, passa-se para a definição do formato e dos convidados (artistas, bandas e/ou palestrantes), que fazem parte da densa rede de relacionamentos existente entre os coletivos e grupos culturais da cidade. O passo seguinte corresponde ao contato realizado com os convidados para viabilizar a ida deles ao evento. É importante destacar que não existe o pagamento de cachê, não que os

---

<sup>5</sup>Poeta, estudante de Serviço Social, mobilizador social e membro do Coletivo Bairro da Paz Vive, o trecho da fala de Vinícius foi retirada de entrevista concedida ao autor do artigo.

convidados não mereçam, mas pela falta de dinheiro para poder realizar o pagamento. Nesse momento, então, se impõe a rede de solidariedade e apoio mútuo entre os grupos. Se por um acaso algum dos convidados não tenha condições para arcar com os custos do transporte, o caixa financeiro do coletivo é acionado. Como o sarau é um evento gratuito e que não conta com o apoio do poder público, o dinheiro para arcar com pequenos custos é oriundo da venda de lanches, de rifas, de zines ou de trabalhos artísticos que são vendidos durante e após o evento.

Convidados confirmados, é hora de confeccionar o flyer<sup>6</sup>. Após a aprovação pelo grupo o flyer já pode ser divulgado nas redes sociais. Como a divulgação nas redes sociais é bastante efêmera, no dia anterior ao evento a divulgação é reforçada com o intuito de lembrar aos interessados que “o sarau é amanhã”. Nesse mesmo dia, o equipamento de som passa por uma revisão, com o objetivo de verificar se há a existência de algum problema técnico no aparelho, e, em caso de um eventual defeito, possa ter tempo hábil para poder consertá-lo, ou, se o problema for um pouco mais grave, poder providenciar um empréstimo de outro som, e, assim, poder evitar surpresas no dia do sarau.

Nas horas que antecedem ao evento, é dado “um grau<sup>7</sup>” no espaço: coloca-se alguns adereços, que dialoguem com o momento, para decorar o ambiente, é feita a montagem e a passagem do som. Estando tudo certo, é torcer para não chover. Como Salvador é uma cidade de elevada umidade, a presença de chuva é muito comum. A pluviosidade influencia diretamente na quantidade de pessoas no evento, seja no sarau Bairro da Paz Vive, lugar onde o evento acontece em praça pública, como pode ser visualizado na **imagem 1**, ou no sarau do Jaca, que, mesmo acontecendo em um espaço fechado, **imagem 2**, em dias de precipitação elevada a mobilidade na cidade fica bastante comprometida, e, como precaução, as pessoas evitam sair de casa. Para que seja possível entender a influência da chuva, algumas edições do sarau no Bairro da Paz já chegaram a ser canceladas devido às fortes chuvas.

---

<sup>6</sup> Flyer é um material de divulgação em meio digital semelhante aos panfletos, muito utilizado no meio cultural para divulgação dos eventos de forma rápida por meio das redes sociais.

<sup>7</sup> Uma gíria muito comum do vocabulário da juventude soteropolitana, está relacionado a limpeza ou organização de um determinado ambiente, ou a um melhoramento estético, como cortar o cabelo ou fazer a sobrancelha.



**Imagem 2:** Atividade cultural do Jaca  
**Fonte:** Acervo do autor

O **durante** passa a se realizar não exatamente no horário marcado de iniciar o sarau, geralmente às 18h. Os organizadores adotam a estratégia de esperar formar um *quórum* “mínimo” para iniciar os trabalhos. Como o público advém dos diferentes bairros da cidade e depende do transporte público e do horário de saída do trabalho, o atraso é bastante comum. Mas quem é o público que frequenta os saraus? As **imagens 1 e 2** nos oferecem, mesmo que parcial, um retrato dos frequentadores do sarau. Apesar dos jovens corresponderem ao público majoritário, é comum a presença de pessoas de outras faixas etárias, em especial crianças e adolescentes. A estética é um marcador importante para identificarmos que se trata de jovens negros e negras, estética que procura fazer alusão a cultura negra, seja com base no vestuário ou no penteado do cabelo, estratégia utilizada como uma forma de projetar uma territorialidade negra na cidade.

Com base nas enquetes, um outro instrumento de coleta de dados que utilizamos durante a pesquisa, pode-se notar que uma parcela considerada do público reside em bairros periféricos, têm como principal meio de condução o transporte público e são duplamente ocupados, em outras palavras, estudam e trabalham<sup>8</sup>. o fato interessante é que isso vale tanto para os jovens que estão cursando o ensino médio, o ensino superior ou a pós-graduação.

Público presente, é hora de iniciar o sarau!

A abertura é sempre feita por algum dos membros do coletivo e segue um roteiro que consiste em apresentar o grupo, indicar a edição que está sendo realizada, explicar a importância

<sup>8</sup> Estamos levando em consideração tanto o trabalho formal quanto o informal.

do sarau, anunciar as atrações do dia e discorrer a respeito de algum fato político do bairro ou da cidade. No Bairro da Paz, o sarau é conduzido pelo Mestre de Cerimônia - MC, enquanto, em Cajazeiras, não existe a figura do condutor. Em ambos os saraus, contudo, a primeira atividade é o microfone aberto para que as pessoas possam se manifestar a respeito de qualquer tema, divulgar eventos, declamar suas poesias, ou fazer alguma apresentação artística. A ação de deixar o microfone aberto é de poder dar voz aos presentes e fazer com que as pessoas se sintam parte do sarau. Em dois anos acompanhando de forma sistemática esses saraus, pude notar que essa ação estimula o público a participar. É comum, por exemplo, nas edições dos saraus, aparecer um novo poeta que até a edição anterior estava a fazer parte do público, e, na seguinte, já está declamando uma poesia de autoria própria.

As poesias declamadas trazem em seu enredo toda problemática vivida e experienciada pela juventude negra soteropolitana, temas como violência, morte, desigualdade social e racismo contrastam com temáticas ligadas a empoderamento racial e de gênero. Valorização da periferia e o incentivo a busca pelo conhecimento atravessam os versos poéticos que são proferidos durante o sarau.

Durante essa primeira parte do microfone aberto, as pessoas vão chegando e se cumprimentando. Algumas vezes o cumprimento é acompanhado pela surpresa de encontrar um conhecido naquele local, e, logo em seguida, se juntam a um determinado grupo, o que nos faz defender a ideia do sarau como um lugar de encontro da juventude.

Por volta das 20h, período que o sarau atinge o seu ápice de público, é o horário dos convidados se apresentarem. O coletivo Jaca, nos últimos saraus realizados nos primeiros meses de 2020<sup>9</sup>, tem utilizado esse momento para levar palestrantes com o intuito de promover um debate político sobre variados temas, promovendo o sarau como um espaço de formação política, e assim, potencializando o seu caráter pedagógico.

Mesmo tendo todo um roteiro previamente definido, a dinâmica do sarau é regida pelo público presente. O evento, é, de fato, gerido de forma autônoma e coletiva, pois mesmo os que não estão recitando uma poesia, cantando uma música ou executando alguma atividade artística, estão ali como participantes ativos, aproveitam o momento para rever amigos, trocar ideias e discutir sobre os diversos assuntos, dessa forma, tecendo redes de sociabilidades.

---

<sup>9</sup> Devido ao período de isolamento social provocado pela pandemia do Covid19 só aconteceu sarau nos três primeiros meses do ano de 2020.

Essas sociabilidades proporcionam que o sarau assuma outras temporalidades e espacialidades, indo muito além do dia e hora marcados. Seja em Cajazeiras ou no Bairro da Paz, o sarau proporciona que os jovens se articulem, discutam formas de mobilização que possam resultar em uma ação em outro bairro e em outro momento.

Como podemos perceber, o sarau é autogestionado pelos próprios jovens que desejam construir formas não capitalistas, horizontais e solidárias da organização política e social a partir de uma combinação de resistência, insurgência e criação, tecendo, dessa maneira, sociabilidades emergentes, como descreve Chagaceda e Brancalone (2012):

[...] la noción de sociabilidades emergentes nos sirve como sendero para pensar y/o interpretar estos procesos, elementos y fenómenos en sus dimensiones anticapitalistas, desde el lugar de las relaciones sociales más elementales, de las interacciones entre los sujetos, las organizaciones y colectivos sociales. Esto es, como el contenido de prácticas y representaciones colectivas que expresan, en determinadas circunstancias y articulaciones, un cierto potencial antisistémico (CHAGUACEDA; BRANCALEONE, 2012, p. 10).

Compartilhamos da mesma ideia defendida pelos autores, pois compreendemos o sarau como um espaço de desenvolvimento da autonomia, a partir das relações sociais mais banais que promovem uma interação entre os sujeitos que se fazem presentes. O desenvolvimento dessa atividade significa para a juventude um espaço de comunicação, de encontro e de trocas de afetos e experiências não só para os moradores dos bairros onde está sendo realizado o evento, mas para os jovens de toda a cidade. Para isso, precisam subverter a política de contenção dos corpos negros e adotar práticas espaciais insurgentes, em outras palavras, esses jovens precisam desafiar a cidade.

**O depois**, após o encerramento do sarau, entre às 22h e 23h, é a hora de limpar o espaço, guardar o equipamento de som e fazer uma avaliação da atividade do dia, como também é o horário de retornar para casa. Para os que residem no bairro do sarau, é um momento menos problemático, pois estão próximos a sua casa. Já para os demais jovens que se deslocaram de outros bairros, o momento é mais tenso, uma vez que dependem do péssimo serviço de transporte público da cidade, da mesma forma que precisam driblar as diversas formas de violência que atingem, e conseqüentemente, afligem a juventude negra soteropolitana. Na seção seguinte discutiremos esses pontos de forma mais aprofundada.

Como já sinalizamos nos parágrafos supracitados, o sarau assume outras espacialidades e temporalidades, ou seja, ele não se encerra com o término do evento. Na verdade, cria-se um ciclo, a produção de um novo **antes**, pois as redes de sociabilidade que foram tecidas durante o sarau continuam em constante movimento, seja para participar de alguma atividade cultural ou política,

oferecer oficinas em escolas ou projetos sociais ou para articular a visita ao sarau de um outro bairro. Isso possibilita que essa juventude se movimente de forma bastante fluída pela cidade, mesmo diante da adversidade que se impõe sobre o cotidiano desses jovens.

### **Desafiando a cidade: as práticas espaciais insurgentes da juventude negra**

O sarau é fruto do contraste e da diversidade que ecoa em cada bairro, ruas e esquinas da cidade de Salvador, fazendo com que os saraus se tornem um ambiente profícuo para que os jovens possam demonstrar sua criatividade e construir sua cidadania. A criatividade, por sua vez, emerge através das poesias que insurgem contra as formas dominantes e opressoras da sociedade vigente.

Partiremos da concepção do sociólogo Henri Lefebvre (2001) ao pensar a cidade como produto e produtora das relações sociais, como o lugar do encontro e do conflito. Lefebvre aborda a cidade como o espaço das lutas políticas e das mobilizações sociais, ou seja, como o lugar do exercício da política. Nesse sentido, compreender os jovens como sujeitos políticos e sociais é entender que as práticas espaciais desses jovens produzem e criam espaços.

A cidade em questão é Salvador, a capital baiana. Um lugar com um grande contingente de negros e negras, e, assim como todas as metrópoles brasileiras, é uma cidade marcada pela contradição e pela desigualdade que estão impressas na paisagem. Segundo Vasconcelos (2016), é possível perceber a existência de “três cidades” em Salvador: a cidade histórica, construída pela mão de obra escrava, com um riquíssimo patrimônio arquitetônico e urbanístico, herdado do período colonial, de quando Salvador foi a capital brasileira (1549-1763); a cidade moderna, que acompanha a urbanização brasileira a partir do último terço do século XX, quando a modernização das formas urbanas, edifícios e shopping centers passaram a fazer parte da paisagem soteropolitana; e a cidade pobre e precária, marcada pelo desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo, cuja estratificação social e a grande desigualdade social se materializam enquanto forma-conteúdo pelos bairros pobres da cidade.

Seu longo passado e sua riqueza durante o período colonial, quando se destacava como porto exportador de açúcar e de fumo e como porto de entrada de mercadorias européias e de escravos africanos, resultaram numa combinação populacional que a tornou a maior cidade brasileira com população majoritariamente negro-mestiça (quarto quintos da sua população), além dos componentes de origem portuguesa e indígena (VASCONCELOS, 2016, p. 15).

Como bem afirma Vasconcelos (2016), Salvador é uma cidade de transformações e permanências, cuja forma-conteúdo tem forte relação com as práticas coloniais. Isso significa que

temos uma cidade que é concebida, planejada e gestada para negar a presença do diferente. Este é tudo que está fora dos padrões estéticos coloniais, o que implica diretamente nas formas de uso e apropriação da cidade pelos negros.

A polis soteropolitana é gestada pelo Estado a partir da lógica do consumo. A cidade é vista como um produto a ser consumido e não uma obra, espaço de troca e não de uso (LEFEBVRE, 2001). É justamente essa cidade mercadoria que os jovens negros estão a desafiar quando se apropriam da forma dos saraus para levar cultura e política para seus bairros, estimulando a juventude negra a circular pela cidade.

Segundo dados do relatório final “*Juventude e Políticas Públicas em Salvador - Bahia*”, encomendado pela Prefeitura Municipal junto ao Fundo da População das Nações Unidas - UNFPA, divulgado em dezembro de 2013 e apoiado nos dados do censo demográfico de 2010, constatou-se que 28% da população de Salvador é composta por jovens. Na época, 751.337 (setecentos e cinquenta e um mil e trezentos e trinta e sete) era o quantitativo da população juvenil, sendo que 81,4% desse contingente populacional se autodeclararam pretos ou pardos. E mesmo representando menos de um terço da população do município, os jovens são as principais vítimas de homicídios, com uma taxa significativa de 76%, totalizando 1.401 (um mil e quatrocentos e um) vidas ceifadas no ano de 2009. Segundo essa mesma fonte, o número de homicídios dobrou em quatro anos, no período de 2005-2009. Números que, infelizmente, seguem um padrão de normalidade nas cidades brasileiras que viram nos últimos anos um aumento vertiginoso das taxas de homicídios relacionadas à população jovem.

O Atlas da Violência 2019, produzido e divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, que traz dados mais atualizados sobre a violência no Brasil, mostra que no intervalo de 1 (um) ano, entre 2016 e 2017, a taxa de assassinatos de jovens aumentou em 6,7%, e que esse número se mostra mais estarrecedor se compararmos o intervalo de 10 anos (2007 à 2017), período em que a taxa passou de 50,8 por grupo de 100 mil jovens em 2007, para 69,9 por 100 mil em 2017, isto é, um aumento de 37,5%. O perfil das vítimas da violência tem sexo, cor e grupo etário. São majoritariamente homens e negros, entre 18 e 29 anos, que corresponde 75,5% do total de homicídios. Desta forma, os dados trazidos por esse documento evidenciam como a violência contra a população negra é um dos principais traços da desigualdade racial no Brasil. Basta compararmos as taxas de letalidade da população negra e de não negros no intervalo de uma década (2007 à 2017) para constatarmos que, enquanto a taxa de indivíduos negros cresceu 33,1%, a de não negros apresentou um pequeno crescimento de 3,3%. Já se compararmos apenas com o ano de 2016, é possível observar que, enquanto a taxa de letalidade de não negros apresentou relativa

estabilidade, com redução de 0,3%, a de negros cresceu 7,2%.

Outro estudo importante é o que aborda a população carcerária no Brasil, desenvolvido pela Secretaria Nacional da Juventude - SNJ e publicado no ano 2015, intitulado “*Mapa do Encarceramento: os jovens do Brasil*”. A partir da análise dessa pesquisa, é possível perceber que houve, em 2012, um forte recrudescimento no aumento da população brasileira encarcerada - 74%, se comparado a 2005. Também é exequível traçar um perfil da população carcerária do país: homens, jovens (abaixo de 29 anos), negros, com ensino fundamental incompleto, acusados de crimes patrimoniais.

Os dados apresentados servem para ilustrar três pontos centrais para compreender a juventude negra em Salvador. Primeiro, consiste em entender a juventude como plural, mas, quando se trata de vítimas de violência, essa juventude tem rosto. Para não incorremos no risco de tratar a pluralidade como inócua e abstrata, como bem sinalizou Barbosa (2013), nos sustentaremos em sua tríade diversidade, desigualdade e diferente para compreender a juventude:

A juventude é **diversa** na sua dimensão sócio-humana, dada a dinâmica das relações que realizam os modos de ser da juventude em seus recortes étnicos, raciais e culturais, demonstrando a complexidade não só das juventudes, mas também das sociedades. É isto que é importante tratar quando abordamos a questão da diversidade. Justamente aquela que nos oferece a dimensão existencial da juventude. Mas não é só da juventude, é também da sociedade em que vivemos. Outro elemento dessa tríade é a **desigualdade**, por excelência uma dimensão socioeconômica, um modo de estar no mundo. Nesse sentido, a desigualdade em termos de escolaridade, de uso de bens culturais, de acesso a serviços de saúde, de oportunidades de renda, de qualidade de moradia, demonstram concretamente que a juventude é profundamente desigual. Os últimos dados da PNAD demonstram que 44% dos jovens até de 17 anos são de famílias pobres que vivem com meio salário mínimo. Enfatizamos que há um recorte socioeconômico evidente entre os jovens. Os jovens podem pertencer a uma mesma faixa etária, mas seus futuros não serão comuns. Diversa e desigual, a juventude é também fruto/semente da **diferença**. Estamos diante da dimensão sociocultural. Estamos diante de modos de viver; dos hábitos, dos costumes, das construções culturais, das preferências sexuais, das suas estratégias identitárias e das relações de pertencimento, que fazem do jovem uma experiência indivisível de ser na Pólis (BARBOSA, 2013, p. 2, grifo nosso).

Os números revelam que os jovens negros não têm o privilégio de gozar de duas categorias que estruturam a noção de juventude, as moratórias social e vital. Segundo Groppo (2015, p.18), “[...] a moratória social é o direito a um período de experiências, a um tratamento mais tolerante em comparação com outras categorias etárias e ao adiamento de certas obrigações sociais.”, Margulis e Urresti (1996) chamam a atenção ao frisar que a moratória social é vivida desigualmente pelos sujeitos, fazendo um recorte de classe da juventude. Já a moratória vital, seria a certeza de uma

vitalidade, de uma vida mais longa, se comparado aos idosos e adultos, defendida por Margulis e Urresti (1996) como algo transversal entre os jovens, independente de classe social. Na verdade, o jovem negro, não só em Salvador, mas em todo Brasil, tem que viver a sua juventude dentro de uma estrutura política baseada na necropolítica (MBEMBE, 2016) e no punitivismo (DAVIS, 2018), devido a forma sistêmica de exterminá-los e encarcerá-los, O recrudescimento do encarceramento juvenil mostra cada vez mais a intolerância da sociedade em relação aos jovens negros e negras.

Danilo Lisboa<sup>10</sup>, integrante do Coletivo Bairro da Paz Vice, faz um panorama interessante do que é ser jovem em Salvador, para ele, ser um jovem negro é está em situação de vulnerabilidade, seja por conta da violência ou do desemprego que atinge a juventude:

Ser jovem na cidade é estar a margem, principalmente se você for jovem negro periférico, é ser muitas vezes vítima da violência do Estado, você tá mais vulnerável a tomar um enquadro, e tá vulnerável a sofrer violência de outros jovens em outras comunidades, é conviver com o desemprego. Você muitas vezes tem que trabalhar na informalidade, seja vendendo picolé, água mineral, ou em outras situações, até... (pausa longa) infelizmente, se iludindo, indo para uma vida errada, para criminalidade, então você tem toda essa pressão que leva para esses vários caminhos.

Para tratarmos do segundo ponto, retornaremos ao debate sobre as políticas de contenção do jovem negro na cidade. As formas-conteúdos das grandes cidades brasileiras, principalmente Salvador, por ainda contar com a permanência da mentalidade colonial, tem por objetivo a negação da mobilidade na cidade dos corpos negros, especialmente quando essa mobilidade está ligada à prática do lazer. Para isso, são adotadas políticas de contenção que se manifestam de diferentes maneiras: no alto preço do transporte público ou na sua limitação de horário (em Salvador, o metrô só funciona até às 23:30), na militarização da cidade e nas câmeras de vigilância que estão sempre a vigiar os corpos negros, entre outras. Salientamos que, de acordo com Lefebvre (2008), forma e conteúdo são elementos indissociáveis na análise urbana, logo, as formas que citamos anteriormente são potencializadas pelo seu conteúdo, que é construído para negar a presença do diferente.

A insurgência dos jovens negros em Salvador é o terceiro ponto da nossa problematização. Diante de todas adversidades promovidas e impostas pelo Estado e legitimada pela sociedade, mover-se na cidade e promover uma cultura de mobilização política entre os jovens é um ato

---

<sup>10</sup> Poeta, estudante de Geografia, mobilizador social e membro do Coletivo Bairro da Paz Vive, o trecho da fala de Danilo foi retirada de entrevista concedida ao autor do artigo.

legítimo de insubordinação, é desafiar a cidade em sua mais pura acepção, mesmo correndo enorme risco de ser mais um número na estatística, engrossando os dados da violência. Em conversas informais, é muito comum os jovens poetas relatarem a apreensão em circular pela cidade, para isso adotam estratégias de auto-proteção, evitam sair sozinhos, se deslocam para curtir os saraus em outros bairros sempre em grupo, de dois ou mais conhecidos, pois assim se sentem mais protegidos, uma proteção que eles não conseguem explicar, apenas dizem que a simples presença do colega ao lado, os fazem se sentir mais seguros.

### **Movimentos sociais de juventude ou juventude em movimento**

O título desta seção é inspirado em Raul Zibechi (2015) que traz um questionamento bastante pertinente em relação ao entendimento dos movimentos sociais latino-americanos a partir de uma literatura eurocêntrica. As mudanças sociais enfrentadas pela América Latina durante a virada de século, como a desindustrialização, a precarização do trabalho, a diminuição dos empregos formais, resultaram na transformação do espaço urbano e alterou o cenário das lutas sociais, fazendo emergir dentro desse contexto “novos” sujeitos, como os jovens, as mulheres e os negros. Estes sujeitos trouxeram consigo novas formas de mobilização e de lutas, revelando a complexidade da sociedade em movimento (ZIBECHI, 2003).

Maria da Glória Gonh (2008, 2017) faz um apanhado das principais teorias que acompanharam os movimentos sociais, mostrando as rupturas e continuidades dessas discussões. A autora utiliza três categorias analíticas que ajudaram a explicar a realidade dos movimentos sociais no Brasil, os quais são: os movimentos sociais clássicos, os novos movimentos sociais e os novíssimos movimentos sociais.

- I. **Os movimentos sociais clássicos** - são os mais antigos, formados, geralmente, pela classe trabalhadora, cuja pauta perpassa por melhoria nas condições de vida e trabalho. Aqui, “as relações sociais são mais homogêneas, verticalizadas; as articulações e comunicações são mais dirigidas, fechadas, entre pares” (GOHN, 2017, p. 20). Eles têm uma estrutura organizacional e administrativa mais próxima de uma empresa, uma liderança centralizadora e um discurso de vanguarda muito latente, tornando os movimentos sociais em instituições extremamente burocráticas; o que, de certa maneira, acaba afastando os jovens dessas formas de organização.
- II. **Os novos movimentos sociais** - surgem no Brasil no final dos anos 70, mas se intensificaram após a constituição de 88. É um movimento que se aproxima da luta pelos direitos civis, em

que a pauta de reivindicação perpassa por questões identitárias e culturais, com modelos de organização menos rígidos em relação aos movimentos clássicos. No entanto, essa organização não é tão flexível como os novíssimos movimentos sociais. Vale frisar, que os jovens que participam dos novos movimentos sociais, geralmente, não assumem os cargos de “liderança”, sob a justificativa da “falta de experiência” e que eles estão sendo preparados para assumirem os cargos de liderança em um futuro próximo. De certa forma, essa postura alimenta a ideia do jovem como um vir a ser, uma concepção defendida pela corrente geracional que compreende o jovem sempre como um projeto de futuro.

III. **Os novíssimos movimentos sociais** - são os que emergiram nas manifestações de rua das duas últimas décadas, trazendo consigo novos sujeitos para a esfera pública brasileira. Composto em sua maioria pela juventude, possuem pautas diversas que variam entre a questão de classe, de gênero, de sexualidade e da mobilidade social. Propõem formas de organização que se distanciam das formas anteriores (os clássicos e novos movimentos sociais) e se aproximam mais dos ideais libertários, tendo os coletivos como as formas mais usuais de organização e articulação.

Para Zibechi (2003), a análise de movimentos sociais, a partir de uma perspectiva europeia, não oferece subsídios teóricos para compreender nuances nas maneiras de mobilização das periferias nas cidades latino-americanas, que, devido à retirada de direitos sociais e trabalhistas, está em constante movimento, sempre lutando por serviços básicos, como educação, saúde, moradia e segurança:

O conceito de movimento social parece um obstáculo adicional para refinar a compreensão da realidade das periferias. Quando se analisam os movimentos sociais, costumam-se enfatizar seus aspectos formais, desde as formas organizativas até os ciclos de mobilização, da identidade, aos marcos culturais. E assim, se costuma classificá-los, com frequência, segundo os objetivos que eles perseguem, o pertencimento estrutural dos seus integrantes, as características da mobilização, os momentos e os motivos pelos quais irrompem. Já existem bibliotecas inteiras sobre o assunto. Mas existem poucos, muito poucos trabalhos acerca do terreno latino-americano sobre bases próprias e, portanto, diferentes. (ZIBECHI, 2015, p. 35)

Por também entender que os conceitos de movimentos sociais existentes apresentavam fragilidades para a compreensão da realidade dos bairros populares de Salvador, Serpa (2009) criou o conceito de ativismos socioculturais, o qual consiste em articular os conceitos de cultura e política, pensando ambos como fenômenos da esfera pública. O autor afirma que a solidariedade, a sociabilidade e os laços de vizinhança, existentes nos bairros populares, servem como substância

potencializadora desses ativismos. Ou seja, o conteúdo previamente existente, as redes de solidariedade e o apoio mútuo, nos bairros populares, proporcionam uma base para que as mobilizações sociais possam se organizar de baixo para cima.

Os bairros populares da metrópole soteropolitana parecem se constituir em uma base real para ativismos que bem poderiam ser denominados de “ativismos socioculturais”, que mobilizam diferentes agentes e grupos na produção do espaço urbano, articulando linguagens e códigos que abarcam escalas mais diferenciadas, variando do local ao global (SERPA, 2009, p.161).

É com base nas redes de solidariedade e ajuda mútua (KROPOTKIN, 2009), constituídas pelas relações de proximidade e vizinhança, que a juventude da periferia de Salvador se articula para formar os mais diversos movimentos. Os jovens conseguem vincular cultura e política, seja através das artes literárias que desembocam na organização dos saraus, ou seja através dos grupos de rap que estimularam o aparecimento do movimento Hip-Hop, como verificamos em uma outra pesquisa (Santos 2012). Segundo Marcos Paulo<sup>11</sup>, membro do JACA, o sarau conseguiu articular em rede a juventude negra dos bairros periféricos de Salvador, formando uma rede de cooperação e ajuda mútua, que consiste na colaboração em atividades sociais em outros bairros da cidade, seja marcando presença nos saraus organizado por outros coletivos, emprestando equipamento técnicos (aparelhagem de som, data show e entre outros), oferecendo oficinas ou realizando palestras.

Nesse objetivo de problematizar os movimentos sociais a partir da ideia de sociedade em movimento, trazida por Zibechi (2003), e de ativismos socioculturais, elaborada por Serpa (2009), é que iremos tentar compreender a mobilização da juventude negra na capital baiana. Assim, é necessário ressaltar que a história recente da cidade de Salvador mostra como a cultura é um elemento central para a articulação política dessa juventude. Analisando tal proposição, podemos citar três exemplos em contextos históricos distintos: O primeiro momento abarca a juventude das décadas de 70, de 80 e de 90 que tinham nos blocos afros e os afoxés uma forma de articulação política. Segundo Risério (1981), esse período ficou marcado pelo processo de reafricanização da juventude negra de Salvador. No entanto, vale ressaltar que, mesmo se tratando de um movimento majoritariamente juvenil, o termo juventude, nesse período, era pouco acionado pelos blocos afros e afoxés, o que no entanto, não exclui a possibilidade desses movimentos serem entendidos como espaços de sociabilidade, de construção e afirmação política da juventude negra.

O segundo momento vai de 1990 aos anos 2010, período em que o hip-hop é o principal

---

<sup>11</sup> Poeta, antropólogo, educador e mobilizador social e membro da Juventude Ativista de Cajazeiras.

aglutinador político da juventude negra. Segundo Santos (2012), a cultura hip-hop foi apropriada pela juventude soteropolitana como um instrumento de militância racial, social e, sobretudo, como uma ferramenta pedagógica de formação política. Ao contrário do movimento anterior, os jovens hiphoppers traziam em sua pauta os problemas vividos pelas juventudes e reivindicavam o direito de ser jovem, negro, pobre e periférico.

E o terceiro momento é a geração atual, entendida como uma transição do período anterior, já que os jovens hiphoppers estão migrando para o movimento de poetas que cresce na cidade. Esse movimento se materializa através dos saraus que congrega não só a poesia como também os elementos da cultura hip-hop. Em nossas pesquisas de campo, foi possível observar que vários jovens, que produziam e cantavam a música rap, começaram a criar e recitar suas poesias, participando de forma mais ativa desse movimento. O mundo da vida cotidiana desses jovens continua a ser a principal pauta, logo, a tônica do discurso é bem parecida com a do hip-hop. Entretanto, esses novos sujeitos políticos trazem pautas que até então eram tabus para as gerações anteriores, como as questões ligadas ao afeto, ao gênero, a sexualidade e a masculinidade tóxica, bastante explorados por esse movimento.

Retornamos com Gohn (2017) para tensionar os conceitos de movimentos sociais e de coletivos, pois é justamente nos moldes dos novíssimos movimentos sociais que os nossos sujeitos de pesquisa se organizam. A nomenclatura Coletivo é algo marcante na linguagem da ação política e organizacional desses jovens. A utilização das redes (sociais e técnicas) é central também na/para a política com outros agrupamentos de autogestão, ocasionando o desenvolvimento do sarau como um nó de rede de vários coletivos, uma vez que esse espaço se caracteriza como um lugar de encontro para esses grupos. Gohn assevera que:

Os coletivos, ao contrário, são vistos como agrupamentos fluídos, fragmentados, horizontais, e muitos têm a autonomia e a horizontalidade como valores e princípios básicos. Coletivos autodenominam-se como ativistas e não como militantes de causas, vivem experiências e experimentações que podem ser tópicos ou mais permanentes; fragmentadas ou mais articuladas (GOHN, 2017, p.23).

Com base em nossas pesquisas, temos muitas convergências e algumas divergências em relação à análise de coletivos descrita por Gohn (2017). No que diz respeito às convergências, concordamos quando ela afirma que a horizontalidade e a autonomia são princípios básicos para a auto-organização desses coletivos. Todavia, adicionamos outros dois princípios, que também possuem origens anarquistas/libertárias, que é a autogestão e a ajuda mútua. Este último, a nosso ver, o principal articulador das redes de sociabilidades e gerador das práticas espaciais, as quais

chamamos de insurgentes. Esses valores libertários são operacionalizados no cotidiano, por meio das posturas ou das atividades internas dos coletivos, como podemos observar na digressão sobre a dinâmica dos saraus que fizemos em parágrafos anteriores. De antemão, os grupos não apresentam uma liderança ou uma pessoa que represente o movimento. Pelo contrário, todos representam o grupo, logo, não existe uma estrutura hierárquica, sendo a responsabilidade compartilhada por todos/as, e as decisões tomadas de forma coletiva. Em caso de divergência de opinião, os argumentos são colocados pelos pares, e a questão é decidida através do voto, tornando o coletivo um espaço de exercício pleno da participação política. Cairo<sup>12</sup>, integrante do Jaca, quando indagado a respeito da operacionalização dos valores libertário dentro do movimento ele responde:

A questão da autonomia, a questão de não precisar de um representante para que seus problemas sejam resolvidos, no meu entender é isso... Os partidos políticos, eles muitas vezes vão de encontro aos princípios dos moradores da periferia, por causa que eles procuram colocar na cabeça da galera que é necessário um representante para que ele precise sair daquela situação, o anarquismo vai dizer: não, você não precisa de um representante, você precisa se representar, se presente, busque, faça você a sua representação.

Com relação às divergências, não concordamos que os coletivos desconsiderem a ideia de militância. Cremos que isso varia muito no contexto histórico-geográfico e entre os agrupamentos. Durante as nossas pesquisas, principalmente em conversas formais (entrevistas) e informais com os jovens, a palavra militância é bastante recorrente e muitos se consideram militantes de causas específicas. A principal causa identificada é a que emerge dos problemas sofridos pela população jovem e negra residente nos bairros periféricos, como o extermínio da juventude negra, provocado pela violência exacerbada, sobretudo a violência sistematizada do Estado, como apontado na seção anterior. A temática da violência perpassa pelas poesias, pelos discursos e as ações de militância dos jovens poetas, como é possível perceber faixa estendida, **imagem 3**, durante uma das edições do sarau Bairro da Paz Vive.

---

<sup>12</sup> Poeta, economista e mobilizador social e membro da Juventude Ativista de Cajazeiras, o trecho da fala de Cairo foi retirada de entrevista concedida ao autor do artigo.



**Imagem 3:** Manifestação contra o extermínio da juventude negra  
**Fonte:** Acervo do autor

O outro ponto de divergência é a relação entre militância e ativismo. Em nossa concepção, militância e ativismo não são termos que se contrapõem, muito pelo contrário, se complementam. Nesta perspectiva, dialogaremos novamente com o exemplo dos/as jovens poetas de Salvador que articulam o ativismo, a cultura e a militância. Esta, por sua vez, não se resume a uma causa específica, isto é, as causas são múltiplas e estão diretamente ligadas ao mundo da vida cotidiana desses/as jovens. Para compreender esse processo, é necessário que estejamos mais próximos desses movimentos, superando a forma de fazer pesquisa *sobre* e passando a fazer a pesquisa *com* esses “novos” sujeitos sociais.

### **Considerações finais**

Neste artigo, argumentamos que os saraus são um espaço de mobilização política, construção de sociabilidades e de autonomia da juventude negra soteropolitana. A promoção desses espaços proporciona ao jovem desafiar toda a lógica da cidade de Salvador. A essa dinâmica desafiadora chamamos de práticas espaciais insurgentes, já que essa juventude está subvertendo a ordem e desafiando as políticas de contenção dos seus corpos negros. Essas políticas consistem em confinar esses corpos em suas casas, negando-lhes a possibilidade de apropriação e uso da cidade. Nesse sentido, o simples ato de ir visitar um sarau na periferia de Salvador escancara toda a fragilidade da mobilidade da capital baiana, a qual se apresenta de forma intencional por parte do

poder público, uma vez que faz parte da famigerada política de contenção da juventude.

Buscamos demonstrar também que a juventude negra de Salvador desponta na esfera pública da cidade como os novos sujeitos sociais que projetam no sarau uma maneira de abordar e praticar novas formas de mobilização, em *um transformar transformando-se* (ZIBECHI, 2003,2015). Esses jovens elaboram códigos próprios, propiciando uma cultura política diferente, sobretudo baseada na autonomia, na horizontalidade e na autogestão. É o famoso “nós por nós”, lema bastante comum nos diversos coletivos, o que nos faz compreender os saraus, os quais estamos estudando, como uma política cultural promovida pela juventude negra da periferia, para os jovens negros residentes nas periferias da cidade de Salvador.

E por entender essas formas diferentes de mobilização como movimentos sociais, procuramos tensionar as maneiras clássicas de conceituar os movimentos sociais, trazendo para o debate as teorias de Serpa (2009), Zibechi (2003, 2015) e Gohn (2017), que apresentam um caminho bastante profícuo para compreender a ação desses “novos” sujeitos da cena político-cultural em emergência nas cidades latino-americanas.

## Referências

- BARBOSA, J. Palestra do Prof. Dr. Jorge Barbosa. **Revista Geografia UFJF**, Juiz de Fora, v. 1 número especial, 2013.
- BRASIL. Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas; Fórum Brasileira de Segurança Pública. **Atlas da violência 2019**: Nota técnica. Rio de Janeiro, junho de 2019.
- BRASIL. Secretaria-Geral da Presidência da República e Secretaria Nacional de Juventude. **Mapa do encarceramento**: os jovens do Brasil: Brasília, 2015.
- CHAGUACEDA, A; BRANCALEONE, C. (org.) **Sociabilidades Emergentes y Movilizaciones Sociales en America Latina**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2012.
- DAVIS, A. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Difel, 2018.
- GAMA, D. M. H. de L. da. **A voz e a vez de dizer: batalhas de poesia em comunidades de periferias em Salvador/BA**. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, Cachoeira, 2019.
- GOHN, M. da G. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.  
\_\_\_\_\_. **Manifestações e Protestos no Brasil**: correntes e contracorrentes na atualidade. 1º ed. São Paulo: Editora Cortez, 2017

GROPPO, L. A. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. **Em Tese**, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015. p.4-33.

MBEMBE, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, n. 32, 2016. pág. 122-151.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – UNFPA. **Relatório Final: Juventude e políticas públicas em Salvador: Brasília / Salvador**, 2013.

KROPOTKIN, P. **Ajuda Mútua: um fator de evolução**. São Sebastião: A senhora Editora, 2009.

LEFEBVRE, H. **O Direito a Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. **La presencia y la ausencia: contribución a La teoría de las representaciones**. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

\_\_\_\_\_. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MARGULIS, M; URRESTI, M. “La juventude es más que una palabra”. In: MARGULIS, M. **La juventude es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

OLIVEIRA, G. da S. **O Fio Mnemônico da Palavra: o sarau da onça**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 2019.

RISÉRIO, A. **Carnaval Ijexá: notas sobre afoxés e blocos do novo carnaval afrobaiano**. Salvador: Corrupio, 1981.

SANTOS, C. J. dos. **As práticas de apropriação da cultura hip-hop pela juventude soteropolitana: um estudo a partir do lugar**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 2012.

SERPA, A. Ativismos socioculturais nos bairros populares de Salvador: relação entre cultura e política na articulação de novos conteúdos para a esfera pública urbana. **Revista Cidades**. Presidente Prudente, vol. 6, num. 9, 2009, p. 155 – 191.

SILVA, P. C. da. Elementos analíticos para la calidad interventora de los sujetos. In: CHAGUACEDA, A; BRANCALEONE, C. (org.) **Sociabilidades Emergentes y Movilizations Sociales en America Latina**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2012. p. 19-36.

VASCONCELOS, P. **Salvador: Transformações e Permanências (1549-1999)**. Salvador: EDUFBA, 2016.

ZIBECHI, R. **Genealogía de la revuelta, Argentina: una sociedad en movimiento**. Buenos Aires: Letra Libre, 2003.

\_\_\_\_\_. **Territórios em Resistência: cartografia política das periferias urbanas latino-americanas**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.